

Por uma revolução africana

Frantz Fanon

Por uma revolução africana

Textos políticos

Tradução:
Carlos Alberto Medeiros

Copyright © 1959 by Editions François Maspero, Paris
Copyright © 2011 by Editions La Découverte, Paris

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original: Pour la Révolution Africaine

Capa: Oga Mendonça

Preparação: Willian Vieira

Revisão: Carmen T. S. Costa e Adriana Moreira Pedro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fanon, Frantz

Por uma revolução africana : textos políticos / Frantz Fanon ; tradução Carlos Alberto Medeiros. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Zahar, 2021.

Título original: Pour la Révolution Africaine.

ISBN 978-85-378-1912-8

1. África – Civilização 2. Ciências políticas 3. Racismo – África I. Título.

21-55635

CDD-320

Índice para catálogo sistemático:

1. Físicos : Biografia 530.092

Aline Grazielle Benitez — Bibliotecária — CRB-1/3129

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.zahar.com.br

facebook.com/editorazahar

instagram.com/editorazahar

twitter.com/editorazahar

Sumário

Prefácio à edição brasileira, por Deivison Faustino 7

I. A questão do colonizado

1. A “síndrome norte-africana” 37

2. Antilhanos e africanos 54

II. Racismo e cultura

1. Racismo e cultura 69

III. Pela Argélia

1. Carta a um francês 87

2. Carta ao ministro residente (1956) 92

IV. Rumo à libertação da África

1. Decepções e ilusões do colonialismo francês 99

2. A Argélia diante dos torturadores franceses 107

3. A propósito de uma defesa 118

4. Os intelectuais e democratas franceses diante
da Revolução Argelina 122

5. Nas Antilhas, o nascimento de uma nação? 141

6. O sangue magrebino não correrá em vão 151
7. A farsa que muda de campo 157
8. Descolonização e independência 160
9. Uma crise contínua 169
10. Carta à juventude africana 177
11. Principais verdades a respeito do problema colonial 184
12. A lição de Cotonou 192
13. Apelo aos africanos 197
14. Perspectivas de um plebiscito na África 200
15. A Guerra da Argélia e a libertação dos homens 210
16. A Argélia em Acra 218
17. Acra: a África reafirma sua unidade e define sua estratégia 221
18. As tentativas desesperadas do sr. Debré 227
19. Furor racista na França 234
20. O sangue corre nas Antilhas sob dominação francesa 239
21. Unidade e solidariedade efetiva são as condições para a libertação africana 242

v. Unidade africana

1. Essa África que está por vir 249
2. A morte de Lumumba: poderíamos ter agido de outra forma? 267

Prefácio à edição brasileira

A ESTADIA DE FRANTZ FANON na Argélia e na Tunísia entre 1953 e 1961 foi determinante para a estruturação de seu pensamento político e profissional. Em 1953, recém-formado doutor em psiquiatria, Fanon se torna chefe da ala psiquiátrica do Hospital de Blida-Joinville, na Argélia, onde colocará em prática o aprendizado, obtido junto ao mestre catalão François Tosquelles.¹ No entanto, esse percurso foi irreversivelmente modificado com a eclosão da guerra de libertação argelina, em 1954. Fanon, que anos antes, em *Pele negra, máscaras brancas*, já havia clamado por uma “explosão que reestruturasse completamente o mundo colonial”,² não hesitou em se posicionar a favor da luta de independência, e essa postura teve efeitos decisivos sobre a sua vida cotidiana. Os artigos presentes em *Por uma revolução africana* revelam parte fundamental dessa posição, mas sobretudo do desenvolvimento de suas teorias desde o período em que escreveu *Pele negra*, no início da década de 1950, até o fim da sua curta vida, em 1961.

1. Alguns artigos científicos de Fanon apresentando essas experiências em Congressos Acadêmicos de Psiquiatria podem ser encontrados em *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. São Paulo: Ubu, 2020.

2. E segue: “A explosão não vai acontecer hoje. Ainda é muito cedo... ou tarde demais”. Frantz Fanon. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008, p. 25 (reeditado em 2020 pela editora Ubu); “O prognóstico está nas mãos daqueles que quiserem sacudir as raízes contaminadas do edifício” (p. 28); “Uma outra solução é possível. Ela implica uma reestruturação do mundo” (p. 82).

Por uma revolução africana: Textos políticos é o conjunto de 28 artigos escritos em ocasiões diversas por Frantz Fanon e reunidos por iniciativa de François Maspero,³ Giovanni Pirelli⁴ e Giulio Einaudi.⁵ Uma parte desses textos foi originalmente publicada por Fanon no *El Moudjahid*,⁶ jornal da Frente de Libertação Nacional da Argélia (FLN). O grande desafio encontrado nessa tarefa foi saber quais artigos foram efetivamente escritos por ele, dado o anonimato editorial exigido pelo contexto da guerra. Para resolver esse enigma, François Maspero solicitou a Rédha Malek, editor-chefe da redação de *El Moudjahid* nos

3. Foi o coordenador da Éditions Maspero de 1959 até 1982, quando se afasta da direção da editora e ela é renomeada como La Découverte. À exceção da primeira e da segunda edições francesas de *Peau noire, masques blancs* (Paris, Seuil, 1952 e 1965), todos os escritos de Fanon foram originalmente publicados por essa editora.

4. Neto e herdeiro direto do multibilionário Giovanni Battista Pirelli (o fundador da fábrica italiana de pneumáticos que leva o seu nome), rompeu com a família para se filiar ao marxismo e ao antifascismo italiano. Com essa escolha — que lhe custou não apenas a perda da herança mas a proibição expressa de que fosse enterrado no túmulo da família —, aproximou-se da luta de libertação da Argélia e dos comitês europeus de apoio à libertação africana, onde pôde conhecer e se tornar amigo pessoal de Frantz Fanon. A Itália se converteu em um importante ponto de encontro entre militantes anticoloniais africanos e asiáticos — o que explica a realização do II Congresso de Artistas e Escritores Negros em Roma —, e Pirelli foi o principal divulgador do pensamento de Fanon no país. Cf. Mariamargherita Scotti. *Vita di Giovanni Pirelli. Tra cultura e impegno militante*. Col. Sagi. Storia e scienze sociali. Roma: Donzelli Editore, 2018.

5. Editor também de uma casa que levou o seu nome e que publicou na Itália obras de autores da esquerda mundial, como Marx, Gramsci e o próprio Fanon.

6. Uma tradução possível do árabe argelino para o português seria “guerreiro santo” ou “guerreiro de fé”. O tom religioso do nome escolhido para o jornal buscava dialogar com o imaginário islâmico da maioria da população argelina. Mais informações em Deivison Faustino. *Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2018.

anos em que Fanon atuou como colunista, e à viúva de Fanon, Marie-Josèphe Dublé, conhecida como “Josie”,⁷ a definição de quais artigos eram indubitavelmente dele. Enquanto isso, Giovanni Pirelli, que também manteve um contato próximo com Fanon durante o período de redação, se empenhou em criar uma terceira lista. O resultado foi a existência de três listas divergentes e uma disputa que quase resultou na recusa de Josie à concessão dos direitos para publicação.⁸ Os textos aqui apresentados são uma síntese consolidada das três listas.

FRANTZ OMAR FANON (1925-61) foi, antes de tudo, um revolucionário. Psiquiatra e intelectual orgânico da FLN, estruturou a sua produção teórica em torno da crítica radical ao colonialismo e, acima de tudo, da busca irrestrita pela emancipação humana. Retomar a sua obra é essencial na medida em que as feridas diagnosticadas por Fanon seguem abertas — e, mais importante, o prognóstico e as profilaxias que ofereceu ainda

7. Lewis Gordon apresenta a seguinte informação biográfica a respeito da importância de Josie na escrita de Fanon: “Ela foi sua parceira de luta e ideias. Fanon raramente escrevia seus trabalhos, optando por ditá-los a um datilógrafo, o que explica por que seus artigos e livros costumam ser lidos melhor em voz alta. Na maioria dos casos, essa datilógrafa era Josie, que também coeditou alguns dos trabalhos publicados de Fanon. Ela era, então, em muitos aspectos, o verdadeiro leitor/ ouvinte/ público, a presença de carne e osso, a quem os textos eram endereçados e que, até certo ponto, assombra seus escritos como um entre seus muitos subtextos”. Lewis Gordon. *What Fanon Said. A Philosophical Introduction to His Life and Thought*. Nova York: Fordham University Press, 2015, p. 14.

8. Ver Jean Khalfa, introdução a Frantz Fanon. *Écrits sur l'aliénation et la liberté*. Organização, introdução e apresentação Jean Khalfa e Robert Young. Paris: Éditions la Découverte, 2015, p. 449.

não foram suficientemente considerados. Assim, o exame aprofundado do conjunto da sua obra se coloca como tarefa fundamental; em especial, para aqueles que almejam decifrar e se posicionar diante das principais contradições sociais de nossa época.

Nascido na Martinica, então colônia francesa no Caribe, Frantz Fanon recebeu uma educação assimilacionista: de um lado, o colonialismo francês apostava no apagamento ou estigmatização das diferenças culturais afro-caribenhas em benefício da imposição dos pressupostos culturais metropolitanos; de outro lado, criava a ilusão de que o colonizado seria considerado parte da comunidade e da cidadania francesas, deixando assim de ser colonizado, caso assimilasse esses valores. Em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, juntou-se voluntariamente à *Résistance*, uma espécie de tropa rebelde organizada para defender os territórios franceses então ocupados pelo nazifascismo. Na ocasião, o racismo vivido pelos soldados oriundos das colônias o fez perceber que, embora ele se considerasse um francês, a sua cor o impedia de ser visto e respeitado como tal. Ao ser questionado por seus colegas sobre o porquê de seguir no front de batalha em defesa daqueles que não o viam como igual, ele teria respondido com a frase que mais tarde marcaria a introdução de seu primeiro livro: “Todas as vezes em que um homem fizer triunfar a dignidade do espírito, todas as vezes em que um homem disser ‘não’ a qualquer tentativa de opressão do seu semelhante, sinto-me solidário com seu ato”.⁹

Em 1948, quando a guerra já havia acabado e a sua experiência militar lhe rendeu a possibilidade de estudar na metrópole,

9. Frantz Fanon. *Pele negra, máscaras brancas*, op. cit., p. 187.

Fanon foi para a cidade de Lyon estudar psiquiatria, e lá desenvolveu grande interesse pelo existencialismo, o marxismo e a psicanálise, na qual encontrou subsídios para uma análise social dos fenômenos psíquicos. Antes dessa diáspora, o jovem martinicano já havia sido fortemente influenciado pelo movimento de negritude, cujo principal expoente fora o seu professor colegial Aimé Césaire. Mais tarde, na universidade, aproximou-se também de grupos de estudantes africanos e caribenhos. Foi nesse período de intensa movimentação estudantil que ele escreveu algumas peças teatrais, duas das quais estão disponíveis ao público brasileiro.¹⁰ Posteriormente, o seu intento dramático foi interrompido para que pudesse se dedicar ao trabalho de conclusão do curso de psiquiatria, intitulado *Ensaio sobre a desalienação do negro*. Embora esse manuscrito tenha sido rejeitado por seu orientador — e rapidamente substituído por outro¹¹ —, Fanon posteriormente o apresentou a uma editora, que o publicou sob o título de *Pele negra, máscaras brancas*.

A editora em questão era a Éditions du Seuil,¹² coordenada por Francis Jeanson, um filósofo de esquerda que mais tarde se converteria em um militante francês nas fileiras interna-

10. Frantz Fanon. *O olho se afoga/ Mãos paralelas: Teatro filosófico*. Salvador: Segundo Selo, 2020.

11. *Um caso de doença de Friedreich com delírio de possessão: alterações mentais, modificações de caráter, distúrbios psíquicos e déficit intelectual na heredo degeneração espinocerebelar*. Este segundo “trabalho de conclusão de curso” foi publicado em português junto a outros textos clínicos de Fanon sob o título *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. São Paulo: Ubu, 2020.

12. A mesma que anteriormente publicara, em 1950, *Psychologie de la colonisation*, de Octave Mannoni. Livro que Fanon critica no quarto capítulo de *Pele negra*.

cionais da FLN. Companheiro intelectual de Jean-Paul Sartre, Albert Camus e, sobretudo, Emmanuel Mounier, Jeanson foi indicado por este último para ser um dos editores da renomeada revista *Esprit*, e posteriormente da Seuil. Foi na *Esprit* que Fanon publicou seus dois primeiros artigos. O de estreia, “A experiência vivida do negro”,¹³ publicado em maio de 1951, corresponde integralmente ao quinto capítulo de *Pele negra*. O segundo artigo, “A ‘síndrome norte-africana’”, foi publicado em fevereiro de 1952 e é o abre-alas do livro que o leitor tem em mãos. Ambos os trabalhos abordam as questões relacionadas ao sofrimento psicossocial provocado pelo racismo: temas amplamente discutidos em *Pele negra*, mas que, sobretudo, se converteram em uma espécie de diagnóstico político e subjetivo cuja profilaxia são os textos apresentados em *Por uma revolução africana*. Foi provavelmente em sua passagem pela *Esprit* que Jeanson conheceu os escritos de Frantz Fanon e, apesar de um estranhamento inicial entre eles,¹⁴ veio a ser, posteriormente, o responsável pela publicação do primeiro livro de Fanon, quando atuava como editor na Seuil.

13. “L’Expérience vécue du noir”, *Esprit*, n. 179, maio 1951, pp. 657-79. Na edição, a seção temática em que o texto está alocado recebeu o título de um dos artigos que a acompanha: “La plainte du noir”, a queixa do negro, do notável psicanalista lacaniano Octave Mannoni.

14. De acordo com o próprio Jeanson, o seu primeiro encontro com Fanon foi marcado por uma inesperada tensão: ao comentar que o manuscrito de *Ensaio sobre a desalienação do negro* (futuramente, *Pele negra, máscaras brancas*) era “excepcionalmente interessante”, Jeanson escutou a seguinte resposta de Fanon: “O que você quer dizer com isso, que, para um negro, até que não está tão ruim?”. A reação do editor foi apontar-lhe a porta, e Fanon se retirou sem mais nada dizer. Francis Jeanson, “Reconhecimento de Fanon [1965]”, in Frantz Fanon. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu, 2020, p. 271.

Ao concluir os seus estudos em psiquiatria, Fanon fez residência médica no Hospital Saint Alban, no sul da França, sob a supervisão do famoso psiquiatra catalão François Tosquelles. Ali, sob a influência direta da psicoterapia institucional, proposta por Tosquelles, Fanon aprofundou suas pesquisas sobre as dimensões sociais do adoecimento psíquico e, em especial, das possibilidades sociais de cura.¹⁵ Mais tarde, ao chefiar o Departamento de Psiquiatria no Hospital de Blida-Joinville, entre 1953 e 1956, tomará como missão implantar a psicoterapia institucional no hospital. Foi nesse contexto de experimentos médicos antimanicomiais e anticoloniais em uma sociedade segregada que Fanon viu explodir diante de seus olhos a guerra pela libertação nacional da Argélia — evento que marcaria em definitivo a sua trajetória pessoal, clínica, política e teórica, bem como parte significativa dos escritos aqui reunidos.

O conjunto de ensaios escritos ao longo da curta vida de Fanon é bastante amplo. Publicou *Pele negra, máscaras brancas* (1952); *O ano V da Revolução Argelina: sociologia de uma revolução* (1958)¹⁶ e *Os condenados da terra* (1961) enquanto estava vivo. Mas *Por uma revolução africana* (1964) e uma dezena de artigos inéditos só foram conhecidos após sua morte, em dezembro de

15. A psicoterapia institucional [*psychothérapie institutionnelle*] “consistia em criar um microcosmo do ‘mundo real’, uma abertura ao mundo no contexto hospitalar, em que o paciente desempenharia um papel ativo ao longo do dia, trabalhando e dando conta de múltiplas atividades. A construção de uma estrutura social era, portanto, fator essencial na reconstrução da personalidade”. Jean Khalfa, “Fanon, psiquiatra revolucionário”, in Frantz Fanon. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. São Paulo: Ubu, 2020, p. 40.

16. A ser publicado pela Zahar em 2022.

1961. Esses artigos, uma imensa coleção de centenas de páginas, estão sendo traduzidos aos poucos para o leitor brasileiro por editoras diversas.¹⁷

Por uma revolução africana possui uma temática cambiante, que se inicia em 1951 com a discussão das relações étnico-raciais entre negros e brancos e termina em 1961 com a projeção dos movimentos de descolonização na África como lutas de libertação. Foram apenas dez anos de produção teórica, interrompidos com a morte prematura do autor, aos 36 anos. Essa produção, no entanto, foi fortemente influenciada pelo ambiente político e de trocas colaborativas de que Fanon fez parte durante a sua atuação como intelectual orgânico da revolução argelina. Não apenas os artigos aqui apresentados, como também os seus livros posteriores a *Pele negra*, devem ser compreendidos neste contexto. Assim, podemos aplicar a *Por uma revolução africana* o que Rédha Malek afirma a respeito de *Os condenados da terra*:

17. Reunidos em francês como *Écrits sur l'aliénation et la liberté: inédits*. Paris: Éditions la Découverte, 2015. A primeira parte, "Théâtre", foi publicada como *O olho se afoga/ Mãos paralelas: Teatro filosófico* (Salvador: Segundo Selo, 2020); a segunda parte, "Écrits psychiatriques", foi publicada como *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos* (São Paulo: Ubu, 2020); e a terceira parte, "Écrits politiques", ao que tudo indica, será publicada como *Escritos políticos* pela Boitempo. As duas últimas partes da coletânea francesa seguem sem publicação no Brasil: a quinta parte, "Publier Fanon (France et Italie, 1959-1971)", é um conjunto de cartas trocadas entre Fanon e alguns de seus editores mais importantes, tratando da publicação de seus escritos. A última parte, "La bibliothèque de Frantz Fanon", foi organizada por Jean Khalfa e contém uma lista dos livros de Fanon com os comentários que fez às obras.

não é nada mais que o desenvolvimento e um aprofundamento das questões tratadas em *El Moudjahid*, elaborados no cotidiano da nossa redação [...]. Não se trata de diminuir a contribuição pessoal de Fanon, mas de situá-lo no contexto concreto a que ele havia maravilhosamente se integrado.¹⁸

A parte I do livro, “A questão do colonizado”, foi escrita quando Fanon finalizava seu curso de graduação e buscava uma colocação profissional em Paris. A seção é composta por dois artigos publicados originalmente na mencionada *Esprit*: “A ‘síndrome norte-africana’”, de 1952, ano de publicação de *Pele negra, máscaras brancas*, e “Antilhanos e africanos”, de 1955. Em ambos, encontram-se os dilemas de um jovem intelectual diante da interdição do reconhecimento humano em meio ao complexo social colonialista. De um lado, os reflexos do racismo na literatura e práticas médicas francesas e, de outro, seus reflexos no estranhamento do colonizado consigo e com o seu semelhante. É nesse momento, a partir da ideia de “miragem negra”, que o autor revela a sua preocupação com as noções metafísicas de raça e negritude, ao mesmo tempo enfatizando a necessidade histórica dos movimentos políticos que se estruturam em torno da defesa das identidades subalternizadas.

A parte II do livro apresenta um dos ensaios mais importantes de Frantz Fanon: “Racismo e cultura”, texto de intervenção no I Congresso dos Escritores e Artistas Negros, em Paris, em setembro de 1956, publicado originalmente em número especial da revista *Présence Africaine*, de junho-novembro de 1956. É válido lembrar que as posições defendidas no congresso se

18. Citado por Jean Khalifa. Op. cit., p. 450.

colocavam na contramão das perspectivas hegemonicamente assumidas pelo movimento de negritude, embora encontrasse nele a sua fundamentação.¹⁹ A noção de “racismo cultural” exposta por Fanon opunha-se tanto às definições acadêmicas de racismo que o reduziam à sua expressão biologicista, já em questionamento na época, quanto às posições culturalistas assumidas por parte importante do movimento de negritude. Da mesma forma, a noção de “mumificação cultural” por ele apresentada alertava para os riscos de calcificação (essencialista ou metafísica) da cultura e das representações do colonizado a respeito do mundo e de si.

Ao mesmo tempo, é aqui que Fanon lança mão da noção hegeliana de “alienação” para explicar o desejo frustrado do colonizado por reconhecimento em um mundo que não o vê como humano, assim como os dilemas enfrentados por este ao perceber a inutilidade de sua autonegação em favor do mundo branco.²⁰ Ocorre, no entanto, que para Fanon a alienação não se expressa apenas por meio do auto-ódio provocado pelo racismo, mas também pela aceitação para si dos ideais fetichizados criados pelos colonizadores. Embora esse movimento de retorno e afirmação dos elementos culturais negados cumpra uma função política e simbólica fundamental durante a luta

19. Cf. Deivison Faustino. *Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro*, op. cit.

20. Sobre as relações entre Fanon e Hegel, ver Ato Sekyi-Otu. *Fanon's Dialectic of Experience*. Londres: Harvard University Press, 1996; Stefan Bird-Pollan. *Hegel, Freud and Fanon: The Dialectic of Emancipation*. Col. Creolizing the Canon. Londres-Nova York: Rowman & Littlefield, 2015; Deivison Faustino. *A disputa em torno de Frantz Fanon: a teoria e a política dos fanonismos contemporâneos*. São Paulo: Intermeios, 2020.

anticolonial, ele deveria ser superado em seu próprio ato de afirmação, sob o risco de se manter — de maneira invertida, mas ainda fetichizada — a reificação cultural empreendida pelo colonialismo.

A parte III é reflexo direto da experiência revolucionária de Fanon na Argélia. Diante da insurgência argelina, Fanon decidiu, em um primeiro momento, aproveitar sua posição como chefe da ala psiquiátrica do Hospital de Blida-Joinville para transformá-la em um ponto de apoio clandestino à revolução. Sob sua ativa colaboração, a instituição passou a receber militantes nacionalistas feridos ou perseguidos pelas forças de repressão colonial. Alguns simulavam demência e fingiam ser pacientes, de modo a driblar a política francesa.²¹ Enquanto isso, o jovem chefe psiquiatra desviava medicamentos para o front de batalha e, ao mesmo tempo, treinava guerrilheiros em técnicas de primeiros socorros. Essa atitude levantou descontentamento e desconfiança entre os funcionários e, com o tempo, colocou Fanon na mira da polícia francesa.²²

Ao perceberem o fortalecimento político e o enraizamento popular da FLN, os aparelhos de repressão coloniais incrementam seus repertórios de combate com a adoção sistemática da prática de tortura. Assim, a tortura — em todas as implicações violentas que a compõem — deixava de ser uma prática desumanizadora de obtenção de informação para ser convertida em uma das principais armas psíquicas de desmantelamento moral

21. Ver Jean Khalfa. Op. cit.

22. Cf. Deivison Faustino. *Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro*. Op. cit.

e subjetivo dos militantes nacionalistas.²³ Essa mudança resultou, por um lado, em um número crescente de adoecimento psíquico grave entre os ativistas que sobreviviam às torturas, e que frequentemente eram acolhidos de modo clandestino no hospital chefiado por Fanon; e, por outro lado, em uma surpreendente produção de adoecimento psíquico entre os torturadores, também encaminhados, estes oficialmente, ao hospital.²⁴ Assim, Fanon e sua equipe passaram a atender os torturados de madrugada e os torturadores ao longo do dia. Exausto, e ao mesmo tempo temendo por sua integridade e a de sua família, o médico desabafou em uma carta pública de demissão, enviada à administração colonial francesa em 1956: “Há muitos meses minha consciência é palco de debates imperdoáveis. E a conclusão é a vontade de não perder a esperança no homem, ou seja, em mim mesmo”.

Na carta — intitulada “Carta ao ministro residente” e alocada na parte III deste livro, juntamente com a “Carta a um francês” — encontramos outros elementos centrais à posição de Fanon sobre o papel dos chamados “saberes psi” diante de uma sociabilidade estruturada a partir da violência total:

23. Essa inovação estratégica conferiu à inteligência militar francesa um lugar de destaque entre os exércitos das principais potências imperialistas. Mesmo derrotada na Argélia, grandes nomes militares franceses, como o general Paul Aussaresses, foram convidados pelos Estados Unidos para exportar a sua tecnologia aos executores das ditaduras latino-americanos. Ver Walter Gunther Lippold. *Frantz Fanon e a rede intelectual argelina: circulação de ideias revolucionárias e sujeito coletivo no jornal El Moudjahid (1956-1962)*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, UFRGS, 2019.

24. Ver as anotações de Fanon em *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: UFJF, 2010, cap. 5, “Guerra colonial e distúrbios mentais”, pp. 258-9.

Durante quase três anos, dediquei-me totalmente a servir a este país e aos homens que o habitam. Não poupei esforços nem entusiasmo. Não houve uma única parcela de minhas ações que não exigisse como horizonte a emergência unanimemente almejada de um mundo adequado.

Mas o que são o entusiasmo e a preocupação de um homem se diariamente a realidade é tecida de mentiras, covardias e desprezo pelo homem?

[...]

A loucura é um dos meios que o homem tem de perder sua liberdade. E posso dizer que, situado nessa interseção, pude constatar com horror a amplitude da alienação dos habitantes deste país.

Se a psiquiatria é a técnica médica que se propõe permitir que o homem não seja mais um estrangeiro em seu ambiente, devo afirmar que o árabe, alienado permanente em seu país, vive num estado de despersonalização absoluta.

A condição da Argélia? Uma desumanização sistematizada.

Ora, a aposta absurda era querer a todo custo fazer existirem alguns valores quando o não direito, a desigualdade, o assassinato multicotidiano do homem eram transformados em princípios legislativos.

A estrutura social existente na Argélia se opunha a qualquer tentativa de recolocar o indivíduo em seu lugar.

Depois desse manifesto, Fanon recebeu uma carta oficial de expulsão, escrita pela administração francesa na Argélia, dando-lhe 24 horas para deixar o país. Mais tarde, passou a ser perseguido pelas forças repressivas francesas como um criminoso, e a opção mais segura — após se abrigar clandestinamente com a família em Lyon e depois Paris, com a ajuda de Francis Jeanson — foi o exílio na Tunísia, onde havia

uma importante base política de apoio à FLN. Em seu novo endereço, seguirá o seu trabalho psiquiátrico, empreendendo grandes mudanças na psiquiatria tunisiana, mas também em sua própria prática clínica.²⁵

Com a mudança, o ciclo anterior se encerra e temos a consolidação de Fanon, o revolucionário, particularmente negro, como um intelectual orgânico da FLN — posteriormente Governo Provisório da República da Argélia (GPRA) — com três grandes atribuições: escrever para o *El Moudjahid*; operar como embaixador da FLN junto às organizações revolucionárias e aos Estados recém-independentes da África subsaariana; e atuar no front de batalha usando seus conhecimentos médicos e militares, posto que Fanon já participara da Resistência armada contra a ocupação nazista na França.

Esse ambiente de troca, no entanto, não foi vivido sem conflitos políticos, teóricos e pessoais, alguns dos quais não poderiam ser publicizados, sob o risco de testemunhar contra a profilaxia revolucionária em que ele apostava. Simone de Beauvoir, a esse respeito, fez a seguinte declaração após o encontro pessoal com Fanon, em abril de 1961: “Sobre as dissensões, as intrigas, as liquidações e as oposições que mais tarde iriam provocar tantas agitações, Fanon sabia muito mais do que podia dizer. Esses segredos sombrios, e talvez também hesitações pessoais, davam às suas palavras um tom enigmático, obscuramente prático e atormentado”.²⁶ Se pensarmos com Fanon, a partir de suas obras, convém não sermos inocentes

25. Cf. Deivison Faustino, *Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro*, op. cit.

26. Simone de Beauvoir. *A força das coisas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 644.

em relação a qualquer aposta política que se tenha em mente, a ponto de ignorar seus limites, contradições e armadilhas. Essa constatação, no entanto, não as invalida, mas permite uma relação menos emocionada²⁷ e mais consciente das fissuras e possibilidades abertas concretamente pela história.

Da nossa parte, sessenta anos após a sua morte, resta a tarefa de considerar esse contexto em um esforço de compreensão — não apenas das respostas oferecidas por Fanon, mas sobretudo das perguntas que ele se viu provocado a fazer. O cientista social brasileiro Walter Gunther Lippold, em sua pesquisa inaugural sobre a produção intelectual de Fanon e a circulação de ideias em torno da FLN, sugere a consideração de dois elementos fundamentais à compreensão do contexto ligado ao *El Moudjahid* e, por extensão, das posições assumidas em *Por uma revolução africana*: a existência de uma confluência política anticolonial no plano internacional, na África e na Ásia, e as disputas políticas no interior da própria FLN.²⁸ Nesse período, não apenas a Argélia entrava em ebulição, mas também o conjunto de insurgências ocorridas na região se inspirará nas recentes derrotas, totais ou parciais, do colonialismo europeu, a partir de eventos como a Guerra da Coreia (1950-53), a Revolução Chinesa (1949), a derrota francesa em Dien Bien Phu

27. “Essas verdades não precisam ser jogadas na cara dos homens. Elas não pretendem entusiasmar. Nós desconfiamos do entusiasmo. Cada vez que o entusiasmo aflorou em algum lugar, anunciou o fogo, a fome, a miséria... e também o desprezo pelo homem. O entusiasmo é, por excelência, a arma dos impotentes. Daqueles que esquentam o ferro para malhá-lo imediatamente. Nós pretendemos aquecer a carcaça do homem e deixá-lo livre.” Frantz Fanon. *Pele negra, máscaras brancas*, op. cit., p. 27.

28. Ver Walter Gunther Lippold. Op. cit.

(1954), a perda francesa do Magrebe, com a independência do Marrocos e da Tunísia (1956), e, em especial, a conferência de Bandung, na Indonésia (1955), e os decorrentes realinhamentos políticos em torno de um projeto terceiro-mundista.²⁹ Fanon demonstra empolgação diante dessas experiências, uma vez que elas iam se apresentando, cada vez mais, como um bloco de resistência intercontinental anti-imperialista e anticolonial.

O segundo ponto observado por Lippold foi a grande disputa interna que ocorria na FLN, cujo resultado foi uma guinada estratégica da ação militar para a ação política, em que o *El Moudjahid* passou a ter uma função fundamental. Contrário à ala militar representada por Ahmed Ben Bella — que viria a ser o primeiro presidente argelino após a Revolução —, Abbane Ramdane, o “arquiteto da revolução argelina”³⁰ amigo pessoal e parceiro político de Frantz Fanon, se preocupava com a autoridade superdimensionada dos militares da FLN e propunha, como solução, um vínculo mais estreito entre a Frente e o povo argelino, sua cultura, desejos e aspirações. A partir da Conferência de Soummam, que reuniu o comitê central da organização, o jornal foi identificado como meio central de formação de quadros, propaganda revolucionária e obtenção de apoio e legitimidade externa, dando assim dimensão internacional à visão defendida pelos revolucionários.

29. A Conferência de Bandung, cidade da Indonésia, reuniu líderes de 29 países asiáticos e africanos entre 18 e 24 de abril de 1955. Entre os principais temas tratados estavam o colonialismo, o imperialismo e as independências nacionais, além da importante e nova concepção de Terceiro Mundo. O encontro influenciou importantes pensadores do pós-guerra, entre os quais Frantz Fanon e os revolucionários argelinos.

30. Cf. David Macey. *Franz Fanon: A Biography*. Londres: New Left Books, 2012, p. 81.

A chegada de Fanon à redação do *El Moudjahid* coincidiu não apenas com essa mudança de orientação estratégica, mas também com a intensificação das disputas em torno do comando da organização. Por essa razão, é possível crer que os artigos publicados nesse veículo, incluindo os de Fanon, também tinham tal contexto como objeto e horizonte. A disputa entre Ramdane e Ben Bella, central para a definição do posicionamento do jornal, teve consequências dramáticas para Fanon, nos planos pessoal e ético. A tensão interna que resultou na vitória do posicionamento de Ramdane culminou em seu afastamento da FLN e posterior assassinato por ordens dos coronéis do Exército de Libertação Nacional, o braço armado da organização.³¹ Embora possamos supor com grande chance de acerto que Fanon conhecesse os verdadeiros mandantes do assassinato de seu amigo,³² sua opção foi manter silêncio a esse respeito e seguir apostando tanto no curso geral da Revolução Argelina junto à edição do jornal³³ quanto na crítica intransigente ao colonialismo francês. Nos dezesseis artigos apresentados na parte

31. “No entanto, na capa do *El Moudjahid* (1962, v. 1, p. 460) n. 24, 29 maio 1958, está a foto de Ramdane e a manchete informando que fora abatido pelo inimigo francês: ‘*Abbane Ramdane est mort au champ d’honneur*’. Quem controlava informações desse tipo era o Comitê de Coordenação e Execução (CCE), que as repassava ao editor-chefe de *El Moudjahid*, Redha Malek, responsável pelas duas versões do jornal (em francês e em árabe) e que respondia diretamente a Ahmed Boumendjel e ao ministro da Informação, M’Hamed Yazid.” Ver Walter Gunther Lippold. Op. cit.

32. “Tenho na memória duas mortes que não me perdo: a de Abbane e a de Lumumba”. Depoimento a Simone de Beauvoir incluído em *A força das coisas*. Op. cit., p. 644.

33. Não se pode esquecer, contudo, que o seu nome estava em uma lista daqueles a serem executados caso se tornasse obstáculo interno para a liderança militar da FLN. Cf. David Macey. Op. cit.

iv de *Por uma revolução africana*, intitulada “Rumo à libertação da África”, encontram-se em primeiro plano a crítica radical ao colonialismo francês, suas fragilidades, fantasias e agonia diante da luta anticolonial. Mas ao fundo, nas entrelinhas, pode-se perceber determinados posicionamentos ou disputas em relação aos horizontes políticos e econômicos da pós-independência que se avizinhava. Essas disputas, no entanto, não podiam aparecer abertamente e, por vezes, se viam sufocadas por consensos produzidos pela direção do movimento.

Três temas que merecem destaque nesse período de atuação junto ao corpo editorial de *El Moudjahid* são a noção de “complexo (*assemble*) colonialista”, a crítica à esquerda francesa e o pan-africanismo. No primeiro caso, como argumenta o historiador Muryatan Barbosa, a categoria *configuração colonialista*,³⁴ ou *complexo colonialista*, aponta para a existência de um complexo sociometabólico pautado pela negação total da humanidade do colonizado, interditando as possibilidades substanciais e formais do seu reconhecimento enquanto ser humano. No artigo “A Argélia diante dos torturadores franceses”, Fanon trata especificamente do tema da tortura, que o angustiava desde seu trabalho psiquiátrico na Argélia e que

34. A noção de “complexo colonialista” (*assemble colonialiste*), também traduzida por Muryatan Barbosa como “configuração colonialista”, é um eixo estruturante dos ensaios que aqui se apresentam (ver Muryatan S. Barbosa, “A atualidade de Frantz Fanon: acerca da configuração colonialista”, in Washington Santos Nascimento; Silvio de Almeida Carvalho Filho (Orgs.). *Intelectuais das Áfricas*. Rio de Janeiro: Pontes, 2018, v. 1, p. 443). Como discuto em *A disputa em torno de Frantz Fanon*, o sociometabolismo daí decorrente é atravessado pela interdição do reconhecimento da humanidade do colonizado, fundamentando uma violência total que retira o colonizado do reino da política e do direito.

no seio do complexo colonial seria, ele sustenta, não uma aberração ao direito liberal, como se poderia supor nos centros capitalistas, e sim a regra imposta àqueles que nem sequer são considerados humanos, mas uma ameaça às definições coloniais de humano. Diz ele:

As práticas verdadeiramente monstruosas que surgiram desde 1º de novembro de 1954 surpreendem principalmente por terem se generalizado... Na verdade, a atitude das tropas francesas na Argélia se situa numa estrutura de dominação policial, racismo sistemático e desumanização realizada de maneira racional. A tortura é inerente ao todo da estrutura colonialista.

A grande hipótese levantada por Barbosa é que a noção fanoniana de *configuração*, ou *complexo*, expõe que o colonialismo — enquanto dominação econômica e político-administrativa de um país sobre outro — é apenas uma das formas possíveis da configuração colonialista, antecipando assim o conceito de *colonialidade*, proposto décadas depois por Aníbal Quijano.³⁵ Essa configuração, argumenta Barbosa, poderia sobreviver inclusive ao fim formal do colonialismo, caso as lutas de independência não o superassem em sua totalidade, como complexo de complexos.³⁶ Nas palavras de Fanon:

35. Aníbal Quijano. “A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais”, *Perspectivas latino-americanas*. Clacso, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf>, acesso em: 15 dez. 2020.

36. Muryatan S. Barbosa. Op. cit.

A Revolução Argelina, ao se propor à libertação do território nacional, visa não apenas à morte desse todo, mas à elaboração de uma nova sociedade. A independência da Argélia não é somente o fim do colonialismo, mas o fim, nessa parte do mundo, de um germe de gangrena e de uma fonte de epidemia.

A libertação do território nacional argelino é uma derrota para o racismo e a exploração do homem; ela inaugura o reinado incondicional da justiça.

O segundo tema digno de nota no período de atuação junto ao *El Moudjahid* é a crítica fanoniana à esquerda francesa, que para ele acabava reproduzindo uma postura colonial quando subestimava a extensão e abrangência do colonialismo e do racismo na dinâmica da luta de classes.³⁷ Como argumentava, “todo francês na Argélia”, independentemente de sua orientação ideológica, mantinha “com o argelino relações baseadas na força”, e o silêncio ou a displicência em relação ao caráter estrutural do colonialismo contribuiria para a manutenção de um pacto colonial. Em outros momentos, as organizações progressistas francesas reconheciam a legitimidade da luta de libertação mas condicionavam o seu apoio político ou logístico a barganhas de todo tipo, ou se limitavam a condenar moralmente os casos mais visíveis de violência empreendidos pelo colonizador, sem criticar o colonialismo em seu conjunto.³⁸

37. Não se trata aqui, como seria possível imaginar, de opor classe e nação em um sentido estritamente nacionalista — aliás, vale dizer, todos os escritos de Fanon a partir de 1956 evidenciam suas preocupações com os perigos representados pelo nacionalismo.

38. Ver em especial os artigos “A Argélia diante dos torturadores franceses” e “Os intelectuais e democratas franceses diante da Revolução Argelina”.

Para Fanon, ao desconsiderar a dimensão sistêmica do colonialismo e do racismo, a esquerda francesa oferecia uma análise incompleta e ineficiente tanto da situação concreta das sociedades em que o capitalismo se estruturou a partir da colonização, quanto da luta de classes nos centros capitalistas em que democracia e cidadania foram viabilizadas pela negação da humanidade e do direito nas colônias. Chama a atenção, no entanto, que a sua crítica não é, em absoluto, o chamado à ruptura com esse bloco político, e nem a defesa de uma terceira via,³⁹ mas sim uma crítica à esquerda, da qual exige uma postura coerente com a sua tarefa histórica, a saber: a defesa irrestrita e sem reservas da autonomia dos povos e, sobretudo, a mobilização anticapitalista das massas trabalhadoras nas metrópoles. Para ele, ambas as estratégias se fortaleceriam reciprocamente caso fossem levadas às últimas consequências no sentido da emancipação humana, abrindo a possibilidade para uma solidariedade internacional, como demonstra a conclusão do artigo “Os intelectuais e democratas franceses diante da Revolução Argelina”: “A FLN saúda os franceses que tiveram a coragem de recusar pegar em armas contra o povo argelino e que ora se encontram presos”.

O terceiro tema que vale ser destacado em relação ao referido jornal é a relação entre a Revolução Argelina e os proces-

39. Mesmo o chamado “neutralismo” do “terceiro bloco”, defendido por Fanon neste livro em “Principais verdades a respeito do problema colonial” não representa uma ruptura com a esquerda, mas a busca, na esteira dos movimentos de Bandung, pela autonomia política dos países do chamado Terceiro Mundo. Essa autonomia, no entanto, era uma autonomia voltada à socialização dos meios e do controle de produção nos países em luta e, sobretudo, pautada na possibilidade de alianças com todos os explorados do mundo, inclusive nas metrópoles.

sos anticoloniais então em curso na chamada África Negra, o pan-africanismo. Observa-se que neste assunto Fanon segue o caminho aberto por Kwame N’Krumah, Patrice Lumumba e Cheikh Anta Diop, ao apontar a necessidade de uma aliança revolucionária anti-imperialista internacional e intercontinental para as lutas anticoloniais. Ao se defrontar com o avanço real das lutas anticoloniais na Ásia e na África, sobretudo as guiadas pelo espírito radical da já mencionada Conferência de Bandung, os governos colonialistas passaram a propor meios pacíficos e controlados de independência, a partir de transições formais que preservassem substancialmente os seus interesses econômicos e políticos nesses territórios. Assim como Kwame N’Krumah,⁴⁰ Fanon considerava tal manobra a expressão dissimulada do neocolonialismo, e, contra ela, advogou junto aos demais movimentos políticos africanos a necessidade de uma saída continental — e intercontinental — revolucionária, de caráter antirracista e anti-imperialista.⁴¹ Especialmente dignos de nota para esse terceiro tema são os artigos “Nas Antilhas, o nascimento de uma nação?” e “O sangue corre nas Antilhas sob dominação francesa”, nos quais Fanon comenta criticamente a presença do colonialismo francês e a “ficção das Antilhas Francesas” e, sob a influência do marxista indigenista haitiano Jacques Roumain, insta os antilhanos à edificação de uma confederação caribenha.

Por fim, na parte v, intitulada “Unidade africana”, encontram-se as ideias de Fanon para o estabelecimento de alianças políticas e logísticas em benefício da Revolução Argelina e a

40. Kwame N’Krumah. *Neocolonialismo, último estágio do imperialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

41. Cf. neste volume os artigos “Perspectivas de um plebiscito na África” e “A Argélia em Acra”.

sua homenagem e manifesto de indignação diante do assassinato de Patrice Lumumba. “Essa África que está por vir” apresenta as notas escritas por Fanon durante sua missão em Gana, no verão de 1960, para reconhecimento e instalação de bases militares e rotas logísticas internacionais que alimentassem o processo revolucionário argelino. Essa é uma passagem privilegiada para se compreender as posições de Fanon diante do pan-africanismo de sua época:

Pôr a África em movimento, colaborar para a sua organização, seu reagrupamento, segundo princípios revolucionários. Participar do movimento ordenado de um continente era, em definitivo, o trabalho que eu tinha escolhido. O primeiro ponto de partida, o primeiro alicerce era representado pela Guiné. Em seguida o Mali, pronto para tudo, ardente e brutal, coerente e singularmente afiado, proulongava a ponta de lança e abria perspectivas preciosas. A leste, Patrice Lumumba marcava passo. O Congo, que constituía a segunda praia de desembarque das ideias revolucionárias, encontrava-se preso numa inextricável rede de contradições estéreis. Era necessário agora continuar esperando antes de investir eficazmente sobre as cidadelas colonialistas que se chamam Angola, Moçambique, Quênia e União Sul-Africana.

Por outro lado, Fanon era um crítico radical do nacionalismo e das ideias metafísicas de identidade, por vezes adotadas pelas burguesias nacionais africanas em seus processos políticos independentistas. Ele reconhecia que a mobilização ideológica em torno de uma unidade nacional poderia aglutinar diferentes forças sociais, inclusive étnicas, em um projeto local comum. No entanto, defendia que, dadas as características transnacionais

do colonialismo — em especial sua ligação congênita com o processo de expansão e mundialização desigual e combinada ao complexo sociometabólico do capital —, a aposta nacionalista deveria transcender a si própria. E, em primeiro lugar, deveria fazer isso em direção a uma unidade maior, de caráter continental, para edificar os Estados Unidos da África; em segundo lugar, deveria ser mediada pelo socialismo, como possibilidade de solidariedade não metafísica, com o “desaparecimento das velhas rivalidades, das tradicionais reivindicações territoriais”, para assim superar os limites históricos que essas burguesias imprimiram ao processo revolucionário.

No artigo seguinte, “A morte de Lumumba: poderíamos ter agido de outra forma?”, Frantz Fanon lamenta e analisa criticamente a conjuntura que resultou no assassinato do grande líder congolês Patrice Lumumba.⁴² Para ele, em um contexto de golpe de Estado neocolonial, a crença de Lumumba nos meios institucionais ocidentais de mediação e resolução de conflito, como a ONU, foi uma fragilidade explorada pelos interesses belgas no país. Ao mesmo tempo, Fanon lastima que as demais nações africanas não tenham enviado apoio militar efetivo ao Congo no momento em que a revolução estava sendo atacada. Para ele, alguns “africanos endossaram a política imperialista no Congo, serviram de intermediários, avalizaram as atividades e os estranhos silêncios da ONU naquele país”.

42. O leitor atento observará que Lumumba e Fanon não apenas partilhavam das mesmas aspirações políticas, mas também nasceram e morreram nos mesmos anos. Essa “curiosidade astrológica” indica que, muito provavelmente, Fanon já estava doente quando escreveu esse artigo. Lumumba morreu assassinado em janeiro de 1961 e Fanon em dezembro do mesmo ano, acometido por leucemia.

Por uma revolução africana não é apenas um documento histórico, daqueles que nos auxiliam a compreender um tempo e espaço pregressos. Ao contrário, nos oferece elementos vivos para pensarmos feridas ainda abertas e até mais infeccionadas que naquela época. É verdade que o nosso momento histórico é outro. O fim formal da colonização na maioria dos territórios africanos, a partir das lutas independentistas, não evitou o estabelecimento das mais diversas formas de exploração neocolonial e disputas fratricidas em torno do poder, tão bem alertadas por Fanon neste e em outros trabalhos. O fim trágico de Josie, viúva do autor, no mesmo ano em que caía o simbólico Muro de Berlim, é sintomático de que o sonho de Fanon não se realizou⁴³ — ainda que nada mais tenha sido como antes, uma vez rasgados os limites apodrecidos da história moderna, elevada então a um novo patamar. No entanto, é preciso reconhecer que, no contexto histórico vivido por ele, os “inimigos” pareciam bem mais visíveis que agora.

Seis décadas após a morte de Fanon, a fase atual de mundialização do capital resultou em uma crise produtiva estrutural em escala global que, em vez de abolir, intensificou e sofisticou as antigas divisões raciais do trabalho. Se é verdade que atualmente a pobreza e a ausência de direitos são marca constituinte

43. “Josie Fanon cometeu suicídio em Argel em 13 de julho de 1989, logo após o Dia da Independência da Argélia. Da varanda de seu apartamento no bairro de El Biar, vendo a polícia metralhando os jovens que queimavam carros durante a repressão aos motins de fome da FLN, ela disse à sua amiga Assia Djebar ‘Oh Frantz, os colonizados... Está começando de novo!’.” Djillali Khellas. “Josie Fanon, épouse de Frantz Fanon, fanm doubout dont on ne parle jamais!”, *Creoleways*, 2 abr. 2015. Disponível em: <<https://creoleways.com/2015/04/02/josie-fanon-epouse-de-frantz-fanon-fanm-doubout-dont-on-ne-parle-jamais/>>, acesso em: 15 dez. 2020.

também dos grandes centros capitalistas, há que se reconhecer que os imigrantes oriundos das ex-colônias seguem sendo os grupos mais marginalizados e violentados nesses países. Em consequência, as pressões capitalistas para a flexibilização das fronteiras nacionais, mercados e sistemas de proteção locais, de forma a garantir a livre circulação global de mercadorias, foram acompanhadas pela criação de novas fronteiras e muros nacionais, étnicos e identitários, para controlar a circulação de trabalhadores, especialmente os oriundos dos países mais afetados pelas crises provocadas justo pelos grandes centros capitalistas. Por outro lado, o assombroso desenvolvimento tecnológico, impulsionado pelo desenvolvimento produtivo, criou novas possibilidades de comunicação e interação humana, mas também de distanciamento, fetichização das relações humanas, sobretrabalho e superexploração. No caso das nações africanas, em sua maioria lideradas pelos próprios africanos, a luta por independência política não foi suficiente para garantir soberania econômica diante de um mercado cada vez mais internacionalizado e mediado sob o lastro do euro ou do dólar.

Ao mesmo tempo, a velha luta de classes — a despeito de já ter sido muitas vezes declarada morta — segue no centro de um jogo político e econômico cada vez mais complexo e aparentemente indecifrável. Mas agora é impelida por uma aceleração vertiginosa dos ritmos de trabalho, provocando transformações sociais constantes que nos dão a sensação de um mundo — incluindo relações, certezas e identidades — que está se desmanchando diante dos nossos olhos, antes mesmo de se solidificar. Contexto propício para o apelo a “novas” miragens identitárias, que mesmo em um processo *ad infinitum*

de fragmentação, e em aparente oposição entre si, oferecem alguma promessa de segurança. O que o tempo presente tem evidenciado, no entanto, é que a demanda identitária não é exclusividade de grupos excluídos em busca do reconhecimento das suas diferenças historicamente negadas, mas sim, principalmente, elemento da criação de novas fronteiras e barreiras nacionais, raciais e religiosas como forma de viabilizar a gestão da vida e da morte diante da crescente precarização da existência imposta pelo atual estágio de acumulação de capital.

No Brasil, presentemente, negros e negras seguem sendo os mais assassinados e encarcerados, mas, acima de tudo, sobrerrepresentados nos trabalhos mais precários e entre os grupos mais prejudicados pela desregulamentação trabalhista e a perda de direitos sociais. O complexo colonialista resulta na estruturação de uma morte simbólica das pessoas negras que antecede a física, relegando-as a uma subcidadania desumanizadora. Os índices de mortalidade por covid-19 no Brasil, quando filtrados por raça e cor, revelam um perfil racial, de classe e de gênero que explica por que se permitiu, sem grande comoveções e choques de consciência, o fim de centenas de milhares de vidas.

Por uma revolução africana é um livro fundamental não apenas pelas respostas historicamente localizadas que apresenta — algumas datadas e outras, nem tanto —, mas sobretudo pelas perguntas que ousou fazer: quais as tarefas e posturas a serem desempenhadas pelos “condenados da nossa terra”, mas também pelo conjunto de forças progressistas, diante do atual genocídio e da intensificação da precarização da vida? Quais são

as *nossas* armadilhas, mas, sobretudo, as possibilidades históricas de resistência e emancipação? Fanon não pode responder a essa pergunta por nós, mas seus escritos são, sem dúvida, leitura obrigatória a quem se propõe a respondê-las.

DEIVISON FAUSTINO

Deivison Faustino é professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Políticas Sociais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Mestre em ciências da saúde pela Faculdade de Medicina do ABC e doutor em sociologia pela Universidade Federal de São Carlos, é também pesquisador do Laboratório Psicanálise, Sociedade e Política da USP e do Instituto AMMA Psique e Negritude. Publicou os livros *Frantz Fanon: Um revolucionário particularmente negro* e *A disputa em torno de Frantz Fanon: A teoria e a política dos fanonismos contemporâneos*.